

Adolescentes em vulnerabilidade social: círculo de cultura como estratégia de problematização da realidade

Francisco Wellington Dourado Júnior¹, Jussara Alves Alcântara², Kellyanne Abreu Silva³, Paula Rivele Gomes Sousa Mendes⁴

Resumo

O estudo tem como objetivo relatar a experiência de implementação de uma ação educativa sobre Projeto de Vida, com um grupo de adolescentes em condição de vulnerabilidade social aplicando o Círculo de Cultura de Paulo Freire. Trata-se de um relato de experiência de uma ação educativa fundamentada nesse método, contando com a participação de adolescentes inseridos em um contexto de vulnerabilidade social, cuja realização dispôs de duas etapas: diagnóstico situacional e implementação do círculo de cultura. A ação foi realizada durante os meses de abril e maio de 2019, no Centro de Referência de Assistência Social, em um grupo formado por 20 participantes. O referencial teórico adotado possibilitou a formação de um espaço de compartilhamento de conhecimentos, ideias, pensamentos e visões, favorecendo uma problematização crítica acerca das temáticas identificadas pelo grupo como definidoras do universo da adolescência, além de ser uma estratégia de transformação de realidades comunitárias. Portanto, a experiência possibilitou aos adolescentes o conhecimento e o desenvolvimento de um papel protagonista na transformação individual e coletiva, bem como um novo enfrentamento do contexto de vulnerabilidades que os cercam.

Palavras-chave

Adolescentes. Educação em Saúde. Vulnerabilidade social.

¹ Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde na Universidade Estadual do Ceará, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Vulnerabilidade e Saúde. E-mail: wjunior0599@gmail.com.

² Especialista em Seguridade Social e Políticas Públicas pelo Centro Educacional Ícone, Ceará, Brasil. E-mail: sarinhaa.alc@gmail.com.

³ Doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará, Brasil. E-mail: kellyanneabreu@gmail.com.

⁴ Mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; enfermeira na Secretaria de Saúde de Alcântaras, Ceará, Brasil. E-mail: paulinharivele@hotmail.com.

Adolescents in social vulnerability: culture circle as a strategy for problematizing reality

Francisco Wellington Dourado Júnior⁵, Jussara Alves Alcântara⁶, Kellyanne Abreu Silva⁷, Paula Rivele Gomes Sousa Mendes⁸

Abstract

The study aims to report the experience of implementing an educational action on the Life Project in a group of teenagers in socially vulnerable conditions based on Paulo Freire's culture circle. This is an experience report of a group intervention based in the method, with the participation of teenagers inserted in a context of social vulnerability, and which realization had two stages: Situational diagnosis and implementation of the culture circle. The action was accomplished in April and May of 2019, at the Social Assistance Reference Center, in a group formed by 20 participants. The theoretical framework adopted for this allowed a space for sharing knowledge, ideas, thoughts and visions, promoting a critical problematization about the matters identified by the group as defining teenagers' universe, besides being a strategy for transforming community realities. Therefore, the experience made it possible for teenagers to recognize and develop a leading role in individual and collective transformation, as well as a new confrontation of the context of vulnerabilities that surrounds them.

Keywords

Adolescent. Health education. Social Vulnerability.

⁵ Master degree student in Clinical Care in Nursing and Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; member of the Research and Study Group on Vulnerability and Health. E-mail: wjunior0599@gmail.com.

⁶ Specialist in Social Security and Public Policies, Icon Educational Center, State of Ceará, Brazil. E-mail: sarinhaa.alc@gmail.com.

⁷ PhD student in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil. E-mail: kellyanneabreu@gmail.com.

⁸ Master in Public Health, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; nurse at the Health Department of Alcântaras, State of Ceará, Brazil. E-mail: paulinharivele@hotmail.com.

Introdução

As iniquidades sociais constituem-se os principais fatores de vulnerabilidade social em que se encontram pessoas e grupos em determinados territórios das cidades brasileiras. De uma forma geral, compreende-se que o processo de vulnerabilização social pode se manifestar a partir do acesso restrito aos bens materiais, simbólicos e culturais por parte de uma população marginalizada socialmente, abrangendo um leque de possibilidades e situações (FIORATI; ARCÊNCIO; SOUZA, 2016). Na Educação Popular em Saúde, a ideia de vulnerabilidade, em sua perspectiva social, compõe a percepção crítica de contextos na qual a população enfrenta situações de opressão e luta cotidianamente pela conquista de liberdade e autonomia (SEVALHO, 2018).

Dessa forma, trabalhar com adolescentes vulneráveis é partir do pressuposto que as transformações biopsicossociais merecem atenção diferenciada e exigem o desenvolvimento de novos modos de produzir saúde, compreensão e estímulo para alcançar um desenvolvimento biopsicossocial satisfatório (MORAIS *et al.*, 2017).

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS, 2004), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) tem como objetivo assistir às famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social por meio de acolhimento, acompanhamento e serviços socioassistenciais. Dentre os serviços ofertados, têm-se o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos que complementa o trabalho desempenhado pelo serviço de Proteção e Atenção Integral à Família PAIF, cujo objetivo é fortalecer vínculos entre serviço e o público juvenil em situação de vulnerabilidade social por meio de ações que estimulam e orientam os integrantes na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares (BRASIL, 2015).

Os adolescentes acompanhados pelo CRAS configuram-se como uma população vulnerável por estarem inseridos em um contexto de iniquidades sociais, necessitando de uma atenção especializada e efetiva, a fim de possibilitar a criação de respostas de enfrentamento de acordo com as singularidades intrínsecas de cada indivíduo. Desse modo, as formas de intervenção direcionadas a esse público têm sofrido modificações e a necessidade de abordar novas temáticas psicossociais desponta (SABINO *et al.*, 2017).

Destarte, trabalhar o tema Projeto de Vida com adolescentes em condições de vulnerabilidade é uma ferramenta que visa auxiliar jovens a compreender seus objetivos e planos para o futuro. Para refletir a construção de um projeto de vida exige assumir-se

protagonista do mesmo.

Cada projeto de vida é único, pois é baseado nas experiências individuais e, dessa forma, pode ser alterado conforme a necessidade. Busca-se favorecer um espaço de discussão de sonhos, planos para o futuro, promoção do autoconhecimento e da realidade, enxergando-os como sujeitos que têm potencial para agir como protagonistas na transformação social, não reduzindo essa fase da vida a um período problemático e marcado por imaturidades em série.

Esse ideal de assistência psicossocial busca o fortalecimento da identidade pessoal e da autoestima, a consciência da responsabilidade pessoal para com a conquista de melhorias, e o vislumbre de oportunidades ou perspectivas de futuro (GOMES *et al.*, 2016). A abordagem grupal corresponde a uma estratégia potencializadora do diálogo educativo com os adolescentes, a qual estabelece uma comunicação efetiva entre participantes e interventores favorecendo o alcance dos objetivos estabelecidos para a vivência extensionista. É nesse cenário que eles encontram espaço para expressarem seus desafios e medos na construção de um projeto de vida, além dos problemas individuais que enfrentam no meio social (QUEIROZ *et al.*, 2016)

A utilização do Círculo de Cultura de Paulo Freire na abordagem grupal visa favorecer uma vivência participativa com ênfase no diálogo, campo propício para a reflexão-ação na elaboração coletiva de um conhecimento sistematizado para uma educação emancipatória e libertadora, na qual nenhum saber é diminuído e todos são reconhecidos como formas relevantes de ver um determinado problema, buscando assim, a potencialização dos sujeitos e mudanças de comportamentos (PINTO *et al.*, 2016).

Considerando o exposto, esse estudo objetiva relatar a experiência de implementação de uma ação educativa sobre Projeto de Vida com um grupo de adolescentes em condição de vulnerabilidade social aplicando o círculo de cultura.

Método

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, para implementação de uma ação educativa, que ocorreu durante o mês de novembro de 2018 no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Alcântaras, um município do interior do estado do Ceará, localizado na microrregião de Meruoca, mesorregião Noroeste Cearense. Sua população estimada é de 11.714 habitantes (IBGE, 2019).

Dentre os programas e projetos ofertados pelo serviço de atenção social do município,

o grupo “Tecendo o Futuro”, voltado para adolescentes, criado em 2017, foi escolhido para participar da ação educativa. O grupo faz parte do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, um programa que tem como objetivo complementar o trabalho do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), composto por 20 participantes na faixa etária entre 15 a 17 anos, sendo 12 homens e oito mulheres que pertencem às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. O grupo tem encontros semanais, com duração de 60 minutos, que acontecem no auditório do CRAS, contando com a presença de uma orientadora social.

A experiência se deu por ocasião da vivência do estágio supervisionado II do Curso de Serviço Social, cuja finalidade é conhecer a assistência psicossocial destinada ao público adolescente inserido no contexto de vulnerabilidades e desenvolver habilidades para a realização de abordagens grupais com essa população. Todos os adolescentes inscritos no grupo participaram da atividade. Ocorreu nos meses de abril e maio de 2019. Utilizou-se o referencial teórico de Círculo de Cultura de Paulo Freire que, como método educacional, faz com que quem aprende considere seu mundo, reencontre-se no outro com quem divide o mundo em um diálogo crítico que promove por meio do círculo os que dele participam, discutindo o que se vive para despertar de forma histórica e humanizada a consciência do mundo (FREIRE, 2019).

O uso do círculo de cultura para realizar ações educativas com adolescentes foi utilizado por Brandão Neto *et al.* (2015; 2020). Essa metodologia constitui uma prática educativa emancipadora que proporciona a troca de experiências coletivas por meio de diálogos que permitem um processo de ensino aprendizagem, bem como a ressignificação do ser (AMARAL *et al.*, 2018).

O desenvolvimento do círculo de cultura teve como monitora a estudante de Serviço Social em estágio e se consistiu de três momentos: 1) a investigação temática, na qual o universo vocabular dos participantes e do animador é explorado, possibilitando o surgimento de palavras geradoras e temas centrais de suas biografias; b) a tematização, na qual codificam e descodificam os temas, buscando o significado social a partir da consciência do mundo vivido; c) a problematização, que busca superar a primeira visão mágica por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido (HEIDEMANN, 2017).

A ação ocorreu em duas etapas desenvolvidas em cinco encontros distintos: 1) Diagnóstico Situacional: compreende o processo de conhecimento das características do grupo, bem como sua historicidade. Para tal finalidade, foram realizados dois encontros com a

orientadora social para planejamento da ação. Previamente, houve a participação em um encontro para apresentação ao grupo de adolescentes e vice-versa, possibilitando uma aproximação entre as partes envolvidas e um conhecimento do perfil dos integrantes; 2) Implementação do Círculo de Cultura: trata-se da realização do círculo de forma crítica, reflexiva e, ao mesmo tempo, pedagógica, para a aquisição de competências em termos das problematizações desejadas, a partir da responsabilidade compartilhada entre extensionista e o grupo social envolvido. Configurou-se como a intervenção propriamente dita, baseada no referencial teórico de Paulo Freire, sendo dividida em dois encontros: no primeiro, foi realizada a investigação temática e a tematização; no segundo, a problematização.

Os registros de informações e coletas de dados ocorreram por meio dos diários de campo e registros sistematizados durante as vivências.

Descrição da experiência

Diagnóstico situacional

O grupo comunitário de adolescentes emergiu de uma necessidade identificada pelo CRAS municipal, diante da inexistência de espaços de convivência e interação de pessoas que pertencem a essa faixa etária. Além disso, percebeu-se a importância da criação de um coletivo como estratégia de fortalecimento de vínculo e de formação de uma identidade juvenil que assumem o papel de protagonismo na transformação social da realidade que vivenciam.

Os integrantes do grupo apresentam vulnerabilidades sociais importantes por ser um público de baixa renda, residir em morros, com dificuldades de acesso aos serviços básicos de saúde e atenção psicossocial.

O anseio por mudanças é uma característica marcante desse coletivo, por isso, apesar de possuírem diferentes opiniões, sempre incorpora nas atividades desempenhadas um momento crítico-reflexivo que aborde assuntos de interesse comum.

Os participantes objetivam com suas reuniões promover um espaço de interação social, no qual há contação de histórias, dinâmicas de interação, momentos de reflexões e de expressões artísticas. Assim, ao serem abordados sobre os interesses do grupo, identificou-se que a prioridade era focar em aspectos mais amplos do universo da adolescência, evitando a lógica de tratar acerca de assuntos referentes à saúde sexual e reprodutiva ou até mesmo uso

de drogas, o que de imediato mostrou-se um desafio para intervir a partir do uso de novas abordagens e possibilidades de trabalhos grupais, exercitando a criatividade e dinamicidade.

O plano de intervenção está demonstrado no Quadro 1 e abrange os objetivos de cada encontro, a metodologia a ser adotada, os desafios a serem enfrentados e os resultados esperados.

Quadro 1 – Plano de intervenção para o grupo de adolescentes

Etapas da intervenção	Atividade realizada	Objetivo	Resultados esperados
Diagnóstico Situacional	Reunião de Planejamento	Conhecer a líder do grupo e o funcionamento do mesmo	Criação de vínculos com a líder do coletivo; conhecer a historicidade do grupo
	Reunião de aprofundamento teórico	Aprofundar no referencial de Círculo de Cultura de Paulo Freire	Compreensão das etapas que compõem o Círculo de Cultura
	Encontro de apresentação	Conhecer a dinâmica do grupo	Aceitação do grupo; conhecer a realidade do coletivo
Implementação do círculo de cultura	1º Encontro: Investigação temática e tematização	Identificar o universo vocabular dos integrantes sobre a adolescência	Identificação do conhecimento prévio do coletivo acerca da adolescência.
	2º Encontro: Problematização	Dialogar sobre os temas que surgiram no primeiro encontro	Discussão crítico-reflexiva sobre as temáticas escolhidas.

Fonte: Os autores (2020).

Implementação do Círculo de Cultura

Esta etapa foi subdividida em dois encontros para um melhor aproveitamento do tempo empregado em cada momento da vivência. Primeiramente, realizou-se a investigação temática e a tematização. No outro encontro, optou-se em desenvolver a problematização dos temas que emergiram na primeira etapa do círculo de cultura. A facilitadora dos encontros foi a estudante de serviço social, contando com a participação da orientadora social do serviço.

O primeiro encontro consistiu no acolhimento dos adolescentes e explicação sobre as características do círculo de cultura e da apresentação da temática: adolescência. Em seguida, foram distribuídas tarjetas para cada participante, que foram orientados a escreverem o que entendiam acerca do assunto. Muitos questionaram sobre o que poderiam escrever, solicitando

explicação sobre os diversos conflitos e mudanças vivenciadas nessa fase, desde situações fisiológicas a decisões relacionadas ao futuro. Dessa forma, as palavras que emergiram nas tarjetas foram: “Tempo de escolhas”, “Futuro”, “Dificuldade financeira”, “Problemas na família”, “Estresse”, “Identidade Pessoal”, “Sonhos”, “Projeto de Vida”, “Carreira profissional” e “Motivação”. Todas as palavras geradoras foram expostas no chão para que todos pudessem visualizar, sendo divididas em dois temas gerais a serem abordados no encontro seguinte, sendo eles: 1) Saúde Psicossocial, englobando as tarjetas “Dificuldade Financeira”, “Problemas na família”, “Estresse” e “Identidade Pessoal; 2) Projeto de Vida, abordando as tarjetas “Tempo de escolhas”, “Futuro”, “Sonhos” e “Projeto de Vida”. As palavras foram trazidas para problematização pelo grupo, a partir do diálogo em círculo, contemplando o contexto de vida de cada um em um processo de aprendizagem coletiva. Cada participante teve a oportunidade de apresentar a tarjeta e justificar sua relação com o conteúdo impulsionando a discussão.

Aqueles que escreveram algo relacionado ao tema Saúde Psicossocial, justificaram suas escolhas discutindo sobre o impacto que esses fatores causam em suas condições de saúde mental e o quanto dificultam suas escolhas em relação ao futuro. Já aqueles que abordaram a questão do Projeto de Vida, defenderam que as tarjetas escolhidas expressaram os anseios de um adolescente diante do futuro e da construção de sua vida adulta. Foram problematizados os fatores contextuais que necessitam de mudança para a garantia de um futuro melhor e como eles podem se implicar e se engajar para participar desse processo.

O segundo encontro do Círculo de Cultura, iniciou-se fazendo uma retrospectiva da vivência do encontro anterior, a fim de introduzir os participantes novamente na temática, lembrando-os também que iriam realizar a última etapa do círculo por meio da problematização das temáticas geradas no encontro passado. As tarjetas foram expostas novamente no chão já subdivididas com os temas: Saúde Psicossocial e Projeto de Vida, de acordo com afinidade temática de cada uma.

Os adolescentes foram motivados a dividirem-se em dois subgrupos, em conformidade com os dois temas, com dez participantes cada. Discutiram entre si sobre sua respectiva temática e como ela é presente no período da adolescência.

O subgrupo que tratou da temática saúde psicossocial pontuou sobre como um adolescente em meio às mudanças que vive no âmbito psicológico, emocional e fisiológico, sofre prejuízos em sua saúde mental mediante fatores sociais e familiares que influenciam nas suas condições de vida. Dentre as falas, duas se destacaram: a primeira foi de uma integrante

de 16 anos que relatou os conflitos familiares vivenciados em seu lar e como isso afetava em seus sentimentos, acrescentando que preferia ficar na rua com suas amigas a estar em casa; a segunda foi de um integrante de 18 anos que falou sobre a dificuldade financeira vivenciada por ele e por sua família, e o quanto o fato de não conseguir um emprego desencadeava sentimentos negativos em relação a si mesmo e à vida.

Enquanto isso, os integrantes do subgrupo Projeto de vida, discutiram sobre a necessidade de fazerem boas escolhas ainda na adolescência para construção do seu futuro, porém, reconheciam que não se sentiam preparados para tal responsabilidade. Identificou-se, como principais pontos da discussão desse minigrupo, os inúmeros sonhos que os participantes possuíam, os futuros idealizados, as carreiras profissionais almeçadas, as angústias por sentirem-se pressionados a escolherem ainda na adolescência o que viveriam na fase adulta e a importância de traçarem um projeto de vida pessoal.

Em seguida, após um tempo de discussão, cada subgrupo apresentou ao coletivo os pontos citados anteriormente, deflagrando, assim, um rico momento de diálogo, marcado pela participação de todos em uma perspectiva crítica e reflexiva, no qual todos expressaram um desejo de transformação da realidade. A problematização versou desde relatos sobre como as vulnerabilidades sociais e os problemas familiares acarretam prejuízos à saúde mental dos adolescentes, aos medos que eles traziam acerca da construção de um projeto de vida devido à falta de motivação que encontravam.

Ao fim do círculo, os participantes do grupo foram instigados a falar livremente destacando uma potencialidade e uma fragilidade da experiência. Como potencialidade, destacaram a metodologia utilizada, pois possibilitou um diálogo entre todos e uma discussão sobre assuntos que geralmente não são abordados naquele espaço. Como fragilidade foi a descontinuidade da coordenadora no círculo na rotina das atividades do grupo de adolescentes.

A abordagem grupal constituiu-se por uma vivência singular de desvelamento das subjetividades envolvidas no processo de construção do futuro dos adolescentes, bem como os fatores que influenciam nessa questão. Além disso, a realização da atividade permitiu uma aproximação dos participantes com a acadêmica, favorecendo não só um contato profissional, mas a criação de vínculos e a transformação entre as relações interpessoais na medida que as partes vivenciaram uma comunicação horizontal e descentralizada, característica marcante do método de Paulo Freire.

Discussão

A adolescência é uma fase da vida marcada por transformações biopsicossociais, por se configurar em um período de transição entre a infância e a fase adulta. Essas transformações inerentes ao desenvolvimento humano podem desencadear desafios na inserção desse público no meio social, assim como ocasionar problemáticas no que concerne à construção da identidade humana e cidadã (MORAIS *et al.*, 2017).

O grupo de adolescentes enfrenta vulnerabilidades sociais significativas relacionadas a renda, alimentação, hábitos de saúde, perspectivas de futuro, mas que, ao mesmo instante, é autônomo no seu processo de organização e das relações sociais. Para Warpechowski e Conti (2018), a vivência da adolescência não pode desconsiderar a trama social, e demanda a análise das relações sociais nas quais esses jovens estão imersos e que fazem marca na subjetividade.

Os grupos destinados a esse público configuram-se como uma ferramenta que permite maior socialização entre os membros, o compartilhamento de informações, formação da consciência coletiva, emancipação individual e desenvolvimento da responsabilidade no cuidado de sua saúde física, mental e emocional (FAIL *et al.*, 2016). Seguindo a orientação de estudos anteriores (POLIDORO; ROS: POLIDORO, 2016), na discussão de grupo, foi esclarecida a importância de se abordar além da questão individual, enfocando em uma relação e um entendimento de coletividade e sociedade.

Adolescentes inseridos em grupos socialmente marginalizados possuem, historicamente, opções limitadas as quais marcam todo seu processo de vida e desenvolvimento pessoal e social. As condições de vida podem ser determinantes para a evolução do processo saúde-doença e ajudam a compreender as desigualdades entre grupos humanos no que tange ao adoecimento ao longo da vida. É fundamental considerar as repercussões e impactos causados pelos Determinantes Sociais de Saúde (DSS) nos domínios físico, cognitivo, emocional, ocupacional. Se tais iniquidades não forem enfrentadas, seus efeitos prejudiciais se reproduzirão para as futuras gerações (SOUZA, 2019).

Problematizar as iniquidades, despertando a consciência crítica de quem as enfrenta, em um coletivo que tem em comum as mesmas condições desiguais de vida, é despertar os sujeitos para examinarem o mundo em que vivem e se posicionarem em relação a ele.

Desenvolver uma ação educativa com um grupo de adolescentes inseridos em um contexto de vulnerabilidade social torna-se uma estratégia de contribuição com a transformação social, na medida em que são motivados a assumirem um papel de

protagonismo na mudança da realidade que vivem o que consta dentre os objetivos do círculo de cultura (FREIRE, 2019).

Um jovem converte-se em protagonista da sua história e da sociedade, quando participa de um meio que instigue a discussão reflexiva das questões sociopolíticas, corroborando para uma tomada de decisão individual que beneficia não apenas ao sujeito, mas que tenha impactos positivos para a coletividade (CARVALHO; SILVA; MELO, 2017).

A transformação social e o protagonismo para a mudança da realidade realça a importância do círculo de cultura como uma nova abordagem que valoriza o desenvolvimento da consciência crítica e desperta a necessidade de luta pelos direitos à saúde psicossocial e qualidade de vida.

O tema promoção da saúde tem sido tratado por esse método freiriano. A transformação iniciada pela educação concretiza-se pela promoção da saúde, em seu conceito amplificado, que se propõe a alcançar não apenas o indivíduo, mas o contexto em que ele está inserido, para isso é necessário haver vários parceiros e agentes, pois é preciso haver mudanças amplas e tempo para serem otimizadas (DALMOLIN et al., 2015; POLIDORO, 2016).

A realização do círculo de cultura com adolescentes tem tratado temas diversos como empoderamento para prevenção de violência (MONTEIRO *et al.*, 2005) e para intervenção educativa (BRANDÃO NETO *et al.*, 2015) como estratégia de construção coletiva de conhecimentos.

Nesse sentido, o diálogo que se constitui uma das características do método utilizado, favorece um processo de emancipação do sujeito, ao passo que constrói um espaço de reflexão possibilitando trabalhar melhor em grupo e criar formas de lidar com questões individuais e coletivas. Esse envolvimento durante a intervenção possibilita a mobilização do conhecimento e tem potencial de transformação de determinada realidade, gerando impacto social (MOURÃO NETTO *et al.*, 2016).

A investigação temática resultante do universo vocabular dos adolescentes originou em dois temas desencadeadores da problematização, sendo eles: Saúde psicossocial e Projeto de vida. Trabalhar esses temas com o método do círculo de cultura permite aos sujeitos a condição de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra (FREIRE; 2019).

Pacheco *et al.* (2016) definem promoção da saúde psicossocial como um processo de reabilitação social, de reconstrução dos projetos de vida das pessoas em contexto de

vulnerabilidade e de criação de novas possibilidades relacionais potencializadoras dos sentidos existenciais do indivíduo, evitando o isolamento dos adolescentes. Nesse sentido, a inclusão do indivíduo, que atravessa o período da adolescência em grupos produtivos com laços interpessoais fortalecidos, possibilita um sentimento de inserção social e identificação do sujeito com uma causa coletiva, colaborando para uma benéfica construção da identidade do ser, além de oferecer a esse público meios de enfrentamento para os conflitos próprios dessa faixa-etária.

No que concerne ao tema “Projeto de vida”, Dellazana-Zannon e Freitas (2016) defendem que o mesmo começa a ser construído a partir da infância, embora manifeste-se com mais intensidade na adolescência por constituir uma fase da vida em que o indivíduo começa a refletir sobre o seu papel na sociedade, a idealizar possibilidades de futuro e sonhar com uma carreira profissional e pessoal bem sucedida. Assim, faz-se necessário abordar essa temática em grupos de adolescentes a fim de construir espaços para compartilhamentos de ideais, sonhos e expectativas pessoais para o futuro, além disso, as relações interpessoais estabelecidas servem como apoio e encorajamento para que os objetivos individuais sejam alcançados.

Frente ao exposto, ressalta-se que gestores, profissionais de saúde, profissionais da atenção psicossocial e/ou lideranças comunitárias devem se ater para a forma como são deflagradas as ações junto aos grupos de adolescentes. Essa pesquisa de relato de experiência retratou assuntos e metodologia para o público juvenil que exigiram a criatividade e dinamicidade a fim de estimular a produção de sentidos e provocar transformações significativas na vida dos sujeitos. Entretanto, a participação deles foi imprescindível para reconhecer que num campo complexo, que é o universo da adolescência, a saúde psicossocial é fundamental para construção do projeto de vida dos sujeitos.

Considerações finais

Foi evidenciado que estimular adolescentes a refletirem acerca da realidade social em que estão inseridos fomenta o desenvolvimento de um papel protagonista na transformação individual e coletiva, bem como um novo enfrentamento do contexto de vulnerabilidades que os cercam.

Além disso, recomenda-se o uso do Círculo de Cultura de Paulo Freire como referencial teórico metodológico para abordagem grupal, pois possibilitou a formação de um

espaço de compartilhamento de conhecimentos, ideias, pensamentos e visões, favorecendo uma problematização crítica acerca das temáticas identificadas pelo grupo como definidoras do universo da adolescência, além de ser uma estratégia de transformação de realidades comunitárias.

Para a acadêmica que implementou o círculo de cultura, a vivência modificou sua visão em relação aos adolescentes, que, por vezes, são vistos como pessoas resistentes a essas atividades, mas que se envolveram nos encontros e mostraram o potencial protagonista que carregavam dentro de si, sendo os principais destaques ao longo da ação.

A limitação do estudo consistiu no curto período de tempo definido para o desenvolvimento das ações, e a descontinuidade da facilitadora no grupo. No entanto, para que essa limitação fosse minimizada, a sua permanência no serviço foi mantida como colaboradora ao longo das vivências práticas, a fim de conservar o vínculo e acompanhar a continuidade das atividades do coletivo.

Referências

AMARAL, V. F. *et al.* Experiência com círculo de cultura na casa acolhedora do arco.

Rev enferm UFPE on line, Recife, v. 12, n. 4, p. 1.144-1.152, abr. 2018. Doi:

10.5205/1981-8963-v12i4a230602p1144-1152-2018. Disponível em: Acesso em: 12 maio 2020.

BRANDÃO NETO, W. *et al.* Violence in the eye of adolescents: education intervention with Culture Circles. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 68, n. 4, p. 617-625, ago. 2015. Doi:

10.1590/0034-7167.2015680407i. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/hcvKZVCgxMS4NfMk99bgJcn/?lang=en>. Acesso em: 20 maio 2020.

BRANDÃO NETO, W. *et al.* Formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do *bullying* no contexto escolar. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 73, supl. 1, e20190418, 2020.

Doi: 10.1590/0034-7167-2019-0418. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/3KB3NhwwGkTtHN7z4XMbRqH/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social: Norma Operacional Básica**. Brasília: MDS, 2005. Disponível em:

https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria de Desenvolvimento Social. **Convivência e Fortalecimento de Vínculos**. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>. Acesso em:

22 maio 2020.

CARVALHO, M. A. A. S.; DA SILVA, A. A.; MELO, P. D. Projeto espaço jovem como exercício do protagonismo juvenil. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 224-229, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672017000300016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2020.

CAVALCANTE, V. O. M. *et al.* Abordagem grupal da estratégia saúde da família. **ReTEP**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 174-179, 2016. Disponível em: <http://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2019/03/ABORDAGEM-GRUPAL-NA-ESTRAT%C3%89GIA-SA%C3%9ADE-DA-FAM%C3%8DLIA.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DALMOLIN, I. S. *et al.* Dialogando com Freire no círculo de cultura: uma estratégia de promoção da saúde. **Rev enferm UFPE on line**, Recife, v. 10, n. 1, p. 185-190, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10937/12236>. Acesso em: 15 maio 2020.

DELLAZZANA-ZANON, L. L.; FREITAS, L. B. L. Uma revisão de literatura sobre a definição de projeto de vida na adolescência. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 19, n. 2, oct. 2016. Doi: 10.5380/psi.v19i2.35218. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/35218>. Acesso em: 15 maio 2020.

FAIL, L. C. M. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Revista Pró-univerSUS**, Vassouras, p. 22-29, 16 jun. 2016. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/344>. Acesso em: 15 maio 2020.

FIORATI, R. C.; ARCÊNCIO, R. A.; SOUZA, L. B. As iniquidades sociais e o acesso à saúde: desafios para a sociedade, desafios para a enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 24, p. e2687, 2016. Doi:10.1590/1518-8345.0945.2687. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/KCWZH8cYdXWxDCfJhVpGZKj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GOMES, F. Z. *et al.* Adolescentes e construção do projeto de vida: um relato de experiência. *Revista do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica*, Criciúma, v. 3, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/prmultiprofissional/article/view/3035>. Acesso em: 18 abr. 2020.

HEIDEMANN, I. T. S. B. *et al.* Reflexões sobre o itinerário de pesquisa de Paulo Freire: contribuições para a saúde. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, e0680017, 2017. Doi: 10.1590/0104-07072017000680017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/pdfHS9bS8fqwp5BTcPqL64L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/alcantaras/panorama>. Acesso em: 16 maio 2020.

MONTEIRO, E. M. *et al.* Culture circles in adolescent empowerment for the prevention of violence. **International journal of adolescence and youth**, v. 20, n. 2, p.167-184, 2015. Doi: 10.1080/02673843.2014.992028. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02673843.2014.992028>. Acesso em: 18 maio 2020.

MORAIS, R. S. *et al.* Potentials and challenges in carrying out educational workshops with adolescents. **REUFPI**, Teresina, v. 6, n.2, p. 1-11, 2017. Doi: 10.26694/reufpi.v6i2.5752. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/5752>. Acesso em: 18 maio 2020.

MOURÃO NETTO, J. J. *et al.* Círculo de cultura junto a agentes comunitários de saúde: uma vivência no programa mais médicos. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 301-307, 2016. Doi: 10.18310/2446-4813.2016v2n3p301-307. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/731>. Acesso em: 15 maio 2020.

PACHECO, M. E. A. G. *et al.* Saúde Mental e inclusão social: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 43-54, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69282>. Acesso em: 15 maio 2020.

PINTO, A. C. S. *et al.* Prática educativa com jovens usuários de crack visando a prevenção do HIV/AIDS. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 1-7, jun. 2016. Doi: 10.5935/1414-8145.20160066. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mk9vYx9KQYVSbQkJ5ST7h8B/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 maio 2020.

POLIDORO, A. A.; ROS, M. A.; POLIDORO, J. A. P. Metodologia problematizadora na promoção à saúde: fichas e círculo de cultura. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 15, n. 1, p. 79-90, jan./jun. 2016. Doi: 10.14393/REP-v15n12016-art06. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/32942>. Acesso em: 15 maio 2020.

QUEIROZ, M. V. O. *et al.* Grupo de gestantes adolescentes: contribuições para o cuidado no pré-natal. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 37, n. spe, e2016-0029, 2016.

SABINO, J. S. *et al.* As ações da terapia ocupacional com adolescentes em situação de vulnerabilidade social: uma revisão de literatura. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 627-640, 2017. Doi: 10.4322/2526-8910.ctoAR1046. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1807>. Acesso em: 10 maio 2020.

SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 177-188, 2018. Doi: 10.1590/1807-57622016.0822. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/CCnBTxySpYqFqS93W5RN3Sv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2020.

SILVA, D. J. R. *et al.* Projeto de vida. **Sinapse Múltipla**, Betim, v. 8, n. 2, p. 203-208, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/21919>.

Acesso em: 15 maio 2020.

SOUZA, L. B.; PANUNCIO-PINTO, M. P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 251-269, jun. 2019. Dpoi: 10.4322/2526-8910.ctoAO1812. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2020.

WARPECHOWSKI, M. B.; CONTI, L. Adolescer em contextos de vulnerabilidade e exclusão social. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 322-343, maio/ago. 2018. Doi:

10.11606/issn.1981-1624.v23i2p322-343. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282018000200008.

Acesso em: 15 maio 2020.

Submetido em 23 de maio de 2020.

Aprovado em 13 de outubro de 2020.